



ORDEM TEUTÓNICA
E
LIGA HANSEÁTICA
EM PORTUGAL

por

RAINER DAEHNHARDT

2026

A ORDEM DE FIDELIDADE TEUTÓNICA

No exemplo português dá-se o seguinte caso:

O borgonhês, Conde Dom Henrique, recebe do Rei de Leão o Condado Portucalense para administrar e aumentar, em vassalagem ao Reino de Leão. O seu filho, D. Afonso Henriques, conquista com ajuda Templária, grande parte do futuro Reino de Portugal aos Mouros e quebra o seu dever de vassalo para com o Reino de Leão, oferecendo este novo Reino ao contra-papa Inocêncio II, então refugiado em França sob a protecção de São Bernardo de Claraval (seu conterrâneo borgonhês). O único monarca de peso que esteve a favor de Inocêncio II foi o Rei Saxão Lothar, então Imperador do Sacro Império Romano de Nação Germânica.

Este monarca foi figura-chave para recolocar Inocêncio II no trono após nove anos do reinado do Papa Anacleto II. Hoje, a Igreja conta o Papa Anacleto II como um contra-papa, mesmo que ele tenha reinado por nove anos e Inocêncio II por cinco anos em Roma.

Durante o período moçárabe conviviam nas cidades portuguesas três religiões em simultâneo: cristão-arianos (a maioria), muçulmanos (bastantes) e hebreus (em minoria). Todos estavam separados em bairros murados, com portas guardadas. Surgiram desta forma os bairros das Mourarias e das Judiarias. Os muçulmanos cobravam os impostos e as profissões eram divididas entre os três grupos, de forma pacífica, havendo convivência, tolerância e respeito mútuo.

Isto tudo terminou com a sangrenta tomada de Lisboa e seu saque, em 1147. O bispo cristão ariano de Lisboa tinha sido morto e os cristãos-arianos em Portugal entraram na clandestinidade. Quem cobrava então os impostos passaram a ser os partidários de Gilbert of Hastings, um cavaleiro inglês nomeado por D. Afonso Henriques como novo Bispo Cristão Católico de Lisboa e obediente a Roma.

A Igreja de Roma predominava em questões da fé e uniu-se à Liga Hanseática, que desde o Báltico e o Mar do Norte começou a expandir-se para Lisboa, resolvendo criar um grande estaleiro naval frente às portas da cidade, nas margens do Tejo — a zona entre a Baixa lisboeta, a futura Praça do Comércio até ao actual Cais do Sodré.

Aí se colocavam as cracas hanseáticas para serem limpos os cascos e calafetados com alcatrão. Chegou-se até ao ponto de não apenas restaurar os navios, mas de construir novos.

Estes estaleiros navais foram adquiridos à Liga Hanseática por D. Dinis e sua mulher, a Rainha Santa Isabel, Infanta de Aragão de origem Imperial Alemã da Casa de Hohenstaufen.

Tais negociações acabaram por dar a Portugal a sua primeira Armada, tanto comercial como de guerra, e incluíram a passagem de todos os mestres e aprendizes, em boa parte de origem alemã, organizados em agrupamentos profissionais, com hospital próprio e regulamentos de convivência.

Começaram, assim, as primeiras fricções entre a nova Igreja Cristã, sob as ordens de Roma, e as organizações laborais e comerciais Hanseáticas, com fortes ligações ao Norte da Europa e sob as ordens do Rei de Portugal.

É neste panorama que temos de perceber o aparecimento de grupos de pessoas pensantes que, não concordando com ordens de Roma, preferiram optar por ser fiéis aos Reis de Portugal. (...)

O que liga a Ordem Teutónica a Portugal? Em 1054 tinha-se dado a grande ruptura na Igreja Cristã Ocidental (a oriental já se tinha dividido). Ao ter de escolher entre a palavra da Bíblia e a obediência ao Papado, muitos países bálticos e nórdicos optaram pelo fim da subserviência a Roma.

Grande parte dos cavaleiros Teutónicos bálticos e nórdicos estavam comercial e militarmente integrados na Liga Hanseática e encontravam-se em Lisboa, Aveiro e Setúbal, no transporte de sal para o Mar do Norte. Ou em Riga e Königsberg, a carregar mastros para a construção naval em Portugal. (...) Para estes não houve outra saída senão a entrada na clandestinidade.

Reuniam-se com outros pensadores onde e quando era possível. Reconheciam-se pelo símbolo de Martinho Lutero: uma rosa aberta, vista de cima, com uma cruz cristã ao centro.

Hoje falamos deles como os primeiros Rosacruzianos, embora o termo não fosse utilizado na altura. Consta que entre eles se encontravam os seguidores do Mestre Christian Rosenkreuz, Martinho Lutero, Philippe Melanchthon, Erasmo de Roterdão, William Shakespeare (aliás Francis Bacon).

Os burgúndios são germânicos, o seu centro religioso situava-se na Ilha de Bornholm, no Báltico, e residiam no Sul da Suécia, na Dinamarca e na Costa do Báltico alemão. Por causa de pestes que dizimaram o seu gado, sucessivas más colheitas e invasões de povos asiáticos, moveu-se todo este povo para o Sul até aos Alpes, passando depois o Rio Reno onde entraram na Gália, formando o seu novo Reino na Borgonha (inimiga dos Francos).

Apenas durante o reinado de Luís XIV Borgonha foi anexada pela França. Assim, a nossa primeira Dinastia era Borgonhesa, o que significa de raiz ancestral germânica do Báltico.

Os burgúndios, de origem ancestral báltica, com significado para nós são:

Em primeiro lugar São Bernardo de Claraval, um monge cisterciense que considero criador da Europa Medieval Cristã.

Em segundo lugar os seus conterrâneos, os Condes D. Henrique e D. Raimundo, que o Rei de Leão casou com as suas filhas, dando-lhes o Condado Portucalense e a Galiza como regiões vassalas do Reino de Leão, para liderar a continuação do seu esforço da Grande Reconquista Cristã da Península Ibérica.

Foi São Bernardo de Claraval que olhou para o mapa da Europa e “reparou” no perigo islâmico em forma de uma grande meia-lua, que se tinha abatido sobre a Europa, avançando pelos Balcãs para o Norte, por via africana, pela Península Ibérica para o centro da Europa.

Tinham um calcanhar de Aquiles, um ponto fraco completamente fora destas áreas, mas muito vulnerável: as suas três cidades Santas: Meca, Medina e Jerusalém.

Uma união de forças cristãs já tinha feito parar o avanço islâmico nas batalhas de Tours e Poitiers, mas esgotaram as suas forças, sem outras para as substituir e, enquanto isso, o Islão, sempre em Guerra Santa, recrutava à força, nunca tendo falta de gente.

Para fazer o Islão recuar, São Bernardo resolveu atacar o Islão nas suas Cidades Santas.

Jerusalém estava a um dia de marcha da costa Mediterrânica. Já se tinha enviado uma cruzada para a libertar dos muçulmanos, mas foi por terra e correu mal. O caminho marítimo era a “auto-estrada conveniente” da época.

Através das ligações comerciais com as cidades, mais tarde membros da Liga Hanseática no Mar do Norte e no Báltico, lançou-se a chamada primeira cruzada marítima. Esta passou um mau bocado, atravessando o canal e o golfo de Biscaia, resolvendo descansar um pouco quando entrou no Douro.

As negociações entre D. Afonso Henriques, São Bernardo e o Papa conseguiram classificar a Guerra aos Mouros na Península Ibérica como tendo o mesmo valor que a tomada de Jerusalém e muitos cavaleiros optaram por se alistar nas forças (principalmente da Flandres, da Alemanha e das Ilhas Britânicas), que deram a vitória da conquista de Lisboa em 1147 a D. Afonso Henriques.

Por cá ficaram e por cá se instalaram, aos milhares.

Um papel predominante nesta conquista foi o da Ordem Templária, à qual já antes a Rainha Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, tinha dado castelos e vilas.

Quem escreveu as regras da Ordem Templária foi São Bernardo de Claraval. Assim, não surpreende que também tenha preparado as Regras da Ordem Teutónica, instalada pouco depois no Báltico.

No campo das trocas comerciais organizadas, tiveram um papel-chave no crescimento da Liga Hanseática, desde Lisboa até Bergen, na Noruega, e Riga, no Báltico.

Com as Ordens de Cavaleiros Cristãos templários no Ocidente e teutónicos no Oriente, criaram barreiras militares intransponíveis para qualquer invasor africano ou asiático.

Criaram uma rede de hospitais gratuitos, de alta qualidade, que se estenderam até Jerusalém. Criaram uma rede bancária, que permitia pagamentos em segurança em qualquer parte da Europa.

Portugal fornecia o sal para se salgarem as pipas com os arenques capturados no Mar do Norte, que eram depois vendidos a preços aceitáveis por todo o centro da Europa.

Da Prússia vinham os mastros para a construção naval lisboeta. Do centro da Alemanha, os potes de compotas, mel ou marmeladas que as cracas hanseáticas vendiam em todos os portos.

As trocas comerciais floresciam. A Liga Hanseática tinha uma armada de guerra própria, para pôr cobro à pirataria então muito frequente.

Criaram uma rede bancária, que permitia pagamentos seguros em qualquer parte da Europa.

Em 1557, D. Sebastião resolveu criar um grande estaleiro naval para a construção de navios de guerra. (...)

Os portugueses, que então não tinham ainda uma frota capaz de competir com as grandes potências navais, recorreram aos conhecimentos dos mestres alemães e hanseáticos.

A Ordem Teutónica, por sua vez, mantinha os seus contactos com Portugal através da Liga Hanseática.

A Ordem Teutónica Secreta foi-se mantendo através dos seus membros espalhados pela Europa.

Os cavaleiros que não aceitaram a transformação da Ordem Teutónica numa ordem estritamente monástica continuaram as suas actividades comerciais, militares e profissionais.

Muitos permaneceram ligados às casas comerciais alemãs e às cidades hanseáticas.

A Ordem Teutónica Secreta, em Portugal, manteve-se activa através de pessoas que se integraram na sociedade portuguesa, mantendo simultaneamente os seus contactos com os países do Norte da Europa.

Em Lisboa, reuniam-se alemães nas corporações dos artilheiros, nos construtores navais, nos importadores de mastros navais do Báltico, nos militares em serviço permanente em Portugal.

Por exemplo, a grande Guarda de honra do Castelo de São Jorge, em Lisboa, era alemã desde D. Afonso Henriques até aos Filipes.

Enfim, diversos grupos de pessoas de origem alemã viviam na nova Pátria Portuguesa e identificavam-se com ela, sem perder o respeito pelas suas origens. Individualmente, deram o seu melhor para uma boa e sã convivência!

Em suma, recapitulando, tanto Portugal como a Ordem Teutónica surgem em resultado do pensamento de um cristão burgúndio, conhecido pelo nome de São Bernardo de Claraval.

Ambos foram instrumentos fundamentais para a criação da Europa Cristã.

Com uma muralha de homens decididos e prontos para o combate, em cota de malha e armaduras, apenas com armas brancas, construindo castelo por castelo, criaram uma muralha de defesa no Oriente, evitando as sucessivas invasões por “pilhadores” asiáticos.

Com uma costa atlântica reconquistada por cavaleiros cristãos, que permitiam a pacífica passagem de sucessivas armadas de combatentes sob o símbolo da Cruz e que se dispunham a morrer, se necessário, fosse para atacar o grave perigo que, obstinadamente, toda a Europa Cristã queria tomar e subjugar ao seu profeta, sob a bandeira do símbolo da meia-lua.

Este monge cisterciense deixou os fundamentos de uma Europa capaz. As suas decisões não eram apenas militares, em defesa desta sua Europa, obrigando o Islão a recuar com as suas hordas de invasores por necessitar delas para defesa das três cidades santas na Península da Arábia.

Muito ajudou em legislações referentes às Ordens Religiosas para instalar instituições de ensino tanto para os governantes como para as populações em geral.

A ele se deve o aparecimento de universidades em muitas cidades. Os estudos de medicina fizeram erguer hospitais e o câmbio comercial internacional instalou-se, com as consequentes organizações cambistas e bancárias.

São Bernardo pensou, legislou e semeou!

Portugal, com as suas Ordens Religiosas Militares, bem como a Ordem Teutónica, ajudou a construir novas pátrias cristãs no Báltico, duas das mais importantes ferramentas para a construção da sua visão de uma Europa Cristã, pacífica e próspera.

Olhando para a Europa dos séculos XII, XIII e XIV vemos imediatamente que mais duas outras grandes ferramentas estavam ao seu dispor: a Ordem Cisterciense e a Liga Hanseática.

Surgiram as Ordens Religiosas Militares para proteger os peregrinos, tanto em terra como no mar.

A Liga Hanseática criou fortes armadas de defesa das suas linhas de transporte, uma no Mar do Norte e outra no Mar Báltico.

Com estes péssimos exemplos começaram a ruir dois dos princípios que São Bernardo de Claraval tinha instalado: a ética e a moral.

Ao lado do roubo e da pirataria, o pior exemplo veio do próprio Estado.

Na Idade Média o principal produto comestível transportável por todo o interior da Europa eram os arenques salgados. Apanhavam-se no Mar do Norte, salgavam-se e distribuíam-se em barricas.

Diversas profissões viviam disto mesmo.

O Rio Reno, grande estrada fluvial, era uma das suas principais vias de transporte. O sal vinha dos Alpes e seguia para o Mar do Norte. Aí apanhava-se o peixe, salgava-se, construíam-se as barricas e fornecia-se toda a Europa.

Tudo correu bem no início. Mas quando se instalou o excesso da ganância e se começou a cobrar a taxa de passagem do sal, tudo correu mal.

As margens do Reno tinham diferentes donos: mosteiros, bispos, cardeais, vilas, cidades ou senhores feudais.

Construíram-se grandes correntes, presas a barris flutuantes, que atravessavam o rio. Apenas as abriam para a passagem das embarcações carregadas de sal vindo de Salzburgo, das minas do “Castelo do Sal”, após o pagamento da respectiva taxa.

Esta nunca era suficiente, pois aumentavam sucessivamente os impostos. Os exageros chegaram a tal ponto que os últimos compradores e consumidores já não podiam adquirir o peixe. Seguiram-se períodos de fome geral e muita gente morreu.

Esta situação catastrófica foi contrabalançada pela Liga Hanseática, que construiu grandes cracas para ir buscar o sal do Mar de Portugal.

Muitas destas cracas foram construídas nos estaleiros de Lisboa e de Aveiro e não admira que, quando D. Dinis adquiriu os estaleiros de Lisboa com os seus mestres e aprendizes à Liga Hanseática, as naus portuguesas de mar alto eram precisamente estas cracas do tipo báltico, em tamanho superior, com castelo na proa e na popa e cesto de gávea, todos equipados com armas.

A batalha de Tannenberg de 1410 deu um golpe fatal a esta Ordem de Cavalaria, que nela perdeu a sua chefia e um terço dos seus principais combatentes.

Seguiu-se a hora dos abutres.

Não apenas os adversários polacos e lituanos se uniram, ocupando este Reino sem chefia, criando uma união desde o Báltico até ao Mar Negro, mas também Roma achou por bem transformar uma minúscula sucursal, em Viena de Áustria, na nova sede da Ordem, agora inteiramente sujeita ao Papado.

Ordem esta que ainda hoje se mantém.

Esqueceram-se, no entanto, dos muitos cavaleiros da Ordem Teutónica em serviço no estrangeiro, em feitorias espalhadas por todas as costas europeias, integrados na Liga Hanseática e a trabalhar na mesma.

Estes não aceitaram a transformação da sua Ordem em Ordem Monástica, exigida por Roma, e entraram na clandestinidade, continuando as suas profissões nos lugares onde estivessem.

Há manuscritos antigos no Arquivo do Museu Luso-Alemão que fazem muitas referências aos cidadãos das cidades hanseáticas alemãs, de Flandres e dos Países Baixos, e dos privilégios régios portugueses que lhes foram concedidos.

Também há informação sobre a Irmandade de São Bartolomeu dos Bombardeiros Alemães de Lisboa, nascida da Liga Hanseática Lisboeta, no século XIII, que faz parte desta importante documentação.

De facto, olhando apenas para a situação de Lisboa, reuniam-se aqui alemães nas corporações dos artilheiros, nos construtores navais, nos importadores de mastros navais do Báltico, nos militares em serviço permanente em Portugal.

Por exemplo, a grande Guarda de honra do Castelo de São Jorge, em Lisboa, era alemã desde D. Afonso Henriques até aos Filipes.

Enfim, diversos grupos de pessoas de origem alemã viviam na nova Pátria Portuguesa e identificavam-se com ela, sem perder o respeito pelas suas origens.

Individualmente, deram o seu melhor para uma boa e sã convivência!

A “Ordem Teutónica Secreta” serve para a distinguir da que sobreviveu, de forma católica, em Viena de Áustria e que é honorífica.

A actuação da Ordem Teutónica Secreta em Portugal vê-se pelas suas acções.

Assim, a título de exemplo, quem liderou as forças lusas para fora da grande fraqueza em que se encontravam, em 1660, e os levou à mais estrondosa vitória sobre exércitos inimigos, em número muito superior, em 1660, foi o Duque de Schomberg!

Um jovem oficial alemão que, na Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), viu saqueadores enforcarem o seu pai e incendiarem o seu palácio, de Heidelberg.

Sem bens materiais teve de “alugar” os seus serviços militares para sobreviver, ganhando fama em todo o teatro da Guerra da Europa Central, em que pereceu um terço da população.

O ano de 1660 foi decisivo na nossa Guerra da Restauração, que acabou por levar quase trinta anos.

O nosso inimigo era a Espanha que, nas palavras de Filipe II, o monarca espanhol que em 1580 tinha herdado, comprado e conquistado Portugal.

De 1630 até 1660 exacerbou-se o patriotismo luso, ao ponto de se levantarem exércitos sem armas e sem pagamentos de pessoal rústico descalço, com ferramentas de agricultura na mão, para expulsar os invasores.

Os nossos arsenais estavam vazios, os nossos cofres também. Quem é que nos iria socorrer?

Os nossos contactos nórdicos por via marítima comercial, com as feitorias e Casas da Liga Hanseática, um tanto esquecidas, ainda se mantinham o suficiente para haver constantes trocas de informação.

Portugal estava em aflição, mas a Liga Hanseática tinha banqueiros que negociaram a venda de milhares de canhões, armaduras, mosquetes de mecha e pistolas de roda, que a Rainha da Suécia então vendeu a crédito futuro a Portugal.

Os contactos por via comercial náutica entre o Báltico e Portugal continuavam a existir.

Os mastros da construção naval lusa continuavam a vir da Prússia Oriental e de Riga.

Qual foi o papel da Ordem Teutónica em Viena? Nenhum. E da eventualmente existente “Ordem Teutónica Secreta” (a luterana)? Não se pode comprovar através de documentos, mas podemos observar a execução do plano de salvação de Portugal.

Pensado e executado na íntegra de forma camuflada. Altamente eficaz contra todas as análises e previsões das chancelarias europeias da época.

Surge então uma grande estratégia militar que aceitou o convite de um diplomata português na corte francesa. De modo a dirigir o campo das operações sob comando militar português contra os espanhóis, Schomberg mandou o recado diplomático que a causa lusa por ele abraçada era uma causa justa.

Conseguiram mostrar-lhe mapas que um curioso fez para seu próprio prazer, com os planos de marcha do Condestável D. Nuno Álvares Pereira, para a batalha de 1385.

O Conde estudou os ideais e confirmou que o antepassado sabia o que estava a fazer, afirmando:

“O melhor que podemos fazer é seguir os seus passos!”

Entretanto tinha mandado fazer um recrutamento de emergência, enviando grupos de soldados impecavelmente fardados, ao toque dos tambores e das fanfarras, com bandeiras ao vento, a apresentarem-se em todas as vilas e cidades ao redor de Lisboa para chamar os jovens às armas.

Facto é que, desde que desembarcou, em apenas 18 dias pôs um novo exército em pé e, ao 19.º, marchou com a mesma frente, seguindo os planos de marcha do Condestável quatro séculos antes.

Ambos os exércitos invasores eram superiores ao português e muita falta de armas e munições havia.

Assim, ensinou guerra de guerrilhas: “ataque e fuga”, tirando ao inimigo as armas, as munições e as comidas, sem que este lhe fizesse frente.

Em Madrid já estavam a decorar as avenidas para a grande parada da vitória espanhola!

As moedas espanholas continuavam a representar o brasão de armas de Portugal como fazendo parte do de Espanha.

Para grande espanto, em poucos meses o Conde de Lippe não fez apenas parar os avanços dos exércitos invasores, como os derrubou e expulsou para além de fronteiras.

Uma esperada derrota fora transformada numa enorme e merecida vitória.

Mais uma vez um pequeno grupo de cavaleiros alemães, entre eles o Conde Reinante de Schaumburg-Lippe e o Príncipe de Mecklenburg, surgem “do nada” e salvam Portugal de uma situação de grande aflição, onde, também, tudo indicava que Portugal estava derrotado de vez.

Para cá vieram. Descendentes deixaram! O seu brasão, ainda hoje o vemos na lapela de todos os militares do Regimento de Infantaria Número 1, antigamente chamado Regimento Conde de Lippe.

O seu símbolo é a Rosa aberta vista de cima, como a dos Cavaleiros Rosacruzianos e usada no sinete de Martinho Lutero.

As ordens religiosas militares tanto eram ordens guerreiras como ordens missionárias, como aliás o seu próprio nome indica.

As ordens religiosas tinham chefias pensantes de relevo, que combinavam os interesses missionários com os das conquistas militares de reinos, onde implantavam centros de trocas comerciais.

Estas incluíam as trocas comerciais de matérias-primas, como o cobre e a prata, tanto em forma bruta como em moeda.

Destas trocas surgiram as actividades cambiais das diferentes moedas dos diferentes países, com as quais se transaccionava independentemente da religião e das actividades bancárias.

Os alemães eram de tal dimensão, e mostravam uma enorme confiança e amizade, não sendo concedidos os mesmos privilégios a outras nações.

A título de exemplo, em 1519, D. Manuel I autorizou que cada alemão estabelecido em Portugal pudesse ter até seis servos equipados com armas de fogo.

Genericamente, tais privilégios nunca eram concedidos a uma nação. Cada alemão podia ter às suas ordens “um mini-exército” equipado com armas de fogo, desde que os seus membros não fossem espanhóis.

Isto é o que se chama uma harmoniosa integração.

Uma parte considerável da Ordem Teutónica Secreta, de forma subtil, “casou” com Portugal e a Lusa gente, integrando-se em harmonia.

O achado da nau “Bom Jesus”, que largou de Lisboa para a Índia em 1533 e que grande tormenta atirou contra uma praia da Namíbia, levou a um estudo pormenorizado tanto da carga

encontrada como das listas das cargas das nossas naus.

A maioria da carga era composta de grandes pedaços em cobre puro, fundidos em formato de meias balas de peças de artilharia.

Muitas tinham as marcas do dono, grandes casas comerciais alemãs.

Estas, com escritórios em Lisboa, Augsburg, Nuremberga, Bruges, Brunsviga, Hamburgo, Danzig e tantas outras localidades, são “filhas” de grandes empreendedores comerciais, cambiais e bancários, que cresceram nos caminhos antigos dos comércios da Liga Hanseática.

Temos assim uma espécie de cristalização dos melhores entre os melhores, dos cavaleiros militares das Ordens Religiosas, todas interligadas pelo mútuo respeito e a tolerância, sem as quais as suas visões nunca poderiam ter sido colocadas em prática. (...)

A grande diferença nas expansões nascidas na nossa Península era precisamente a dos portugueses serem principalmente navegadores e cambistas de mercadorias, trazidas de longe e levadas para longe.

Raras vezes conquistavam e quando tal acontecia, devia-se ao facto de estarmos em guerra com o Grande Turco, desde 1453, devido à queda de Constantinopla.

As listas das cargas a bordo das naus portuguesas indicavam quem eram os seus donos e constata-se que uma parte substancial das armadas transportava cargas de empresas outrora hanseáticas ou da Ordem Teutónica, então radicada e integrada entre a Lusa gente.

Em época Manuelina, mesmo sendo a Ordem de Cristo quem organizava as armadas e as trocas comerciais, existe documentação suficiente para poder afirmar que eram armadas lusas com forte componente alemã a bordo, que saíam do rio Tejo.

Tanto os artilheiros como a carga para vender ou trocar a bordo eram de origem alemã.

A resposta ao que aconteceu à Ordem Teutónica Secreta é simples: mudou-se do Báltico para Lisboa e os seus cavaleiros integraram-se na Lusa gente, tanto na sua componente guerreira como na comercial.

Basta olhar para uma craca hanseática para ver o “avô” das nossas naus que cercaram o Mundo.

Nada têm a ver com a nossa caravela, que era uma embarcação para descobrir os caminhos e não para transportar grandes cargas.

Quem visitar a Noruega encontra no Porto de Bergen uma das casas originais da Liga Hanseática do século XV.

Quem for à Suécia encontra o Parlamento Sueco em Estocolmo, onde o gigantesco tecto de madeira é construído como o casco de uma grande embarcação, virada ao contrário.

Isto tem uma razão de ser muito especial. Era na sombra do casco virado de um grande navio na praia que os “Hanses” se reuniam, protegidos da chuva ou do Sol.

E onde é que os Hanses de Lisboa se reuniam?

Debaixo do grande casco virado do maior dos navios Hanseáticos que se encontrasse no estaleiro da Hansa lisboeta junto ao rio Tejo, frente às portas da cidade, hoje Terreiro do Paço.

D. Dinis adquiriu este estaleiro aos Hanseáticos, dando-lhes outro maior ao lado e mantendo o seu em direcção à Capela de São Bartolomeu, na Igreja e erguer em São Julião (hoje Museu da Moeda).

Assim, os Hanses continuaram a reunir-se nos estaleiros Hanseáticos lisboetas que ali se mantiveram até ao século XVI.

Pelo seu exemplo, vemos como uma Ordem Religiosa Militar Teutónica caída num lago pelo gelo e no desencanto de Roma se transformou numa espécie de Ordem de Cavalaria Secreta, que acaba por ser absorvida, por um dos seus filhos, a Liga Hanseática.

A Ordem Teutónica perdeu a sua grande batalha em 1410 e as suas terras foram tomadas pelo Duque da Lituânia em conjunto com o rei polaco.

Um pequeno grupo de representantes teutónicos na corte de Viena não se envolveu e sobreviveu, submetendo-se directamente ao Papa. Estes ainda existem.

A batalha tomou uma parte importante da Teutónica, mas longe de todas.

Como a Igreja Católica de Roma não concordou com a livre interpretação da relação praticada pelos cavaleiros teutónicos no Báltico, o Papa favoreceu a desgraça dos cavaleiros teutónicos e interferiu fortemente no lado polaco.

Ainda hoje a Polónia é um enclave principalmente católico rodeado por igrejas protestantes ou ortodoxas russas.

Os Cavaleiros Teutónicos no Báltico estavam fortemente ligados aos Hanse e foram por eles engolidos, construindo as suas forças armadas e mesmo a marinha.

Os Hanse tinham fortes laços com Portugal devido à necessidade do sal que vinha do Atlântico em vez do das salinas de Salzburgo ou Lüneburg.

Quando os Templários foram dizimados em França (1307-1314), sobreviveram em Portugal através da Ordem de Cristo.

Esta ordem era muito forte, comercialmente ligada ao norte (Flandres, Países Baixos, Mar do Norte e Bálticos).

Assim, já existia uma ligação entre a Ordem Teutónica e os cavaleiros portugueses. Vários deles lutaram pela Ordem Teutónica.

Em 1410 é muito provável que alguns cavaleiros portugueses fizessem parte da Ordem Teutónica.

O “Magriço”, por exemplo, que lutou em Londres em duelos de cavaleiros e venceu, foi escolhido pela Infanta de Avis, Dona Isabel, Duquesa de Borgonha, para lutar num duelo de cavaleiros em seu nome, por Borgonha, contra o cavaleiro escolhido para lutar pela França (evitando uma grande guerra por uma luta entre dois campeões); mais uma vez o “Magriço” venceu.

O Duque da Borgonha deixou um documento (datado de 1411) do seu apreço pelo que o Magriço fez pela Borgonha.

Lutou também ao lado da Ordem Teutónica.

Mas como essa batalha teve um mau final, é compreensível que não tenha sido mencionada.

Depois de 1410 os sobreviventes da Ordem Teutónica entraram na Hanse e através da Hanse entraram ao serviço de Portugal.

As quantidades de ligações directas a partir dessa altura são tremendas.

Voltando ao século XIX e vendo tanto os meus bisavós ocupando todas as posições alemãs em Portugal, como os seus filhos sendo cavaleiros das ordens portuguesas, como das ordens saxónica,

prussiana e austríaca e sueca, os encontros por eles convocados transformaram-se em glorificações.

Foi criada uma organização especial, DIE AUSLANDSDEUTSCHEN PORTUGALS, e foram criadas medalhas e apreços como presentes de reconhecimento às personalidades que mais fizeram pela manutenção de boas relações entre os Países Ancestrais Alemães e o seu Portugal Hospedeiro-Mãe.

Assim, a ORDEM DE FIDELIDADE TEUTÓNICA foi criada para reconhecer, entre os cidadãos de hoje, aqueles que gestos notáveis fizeram para manter a memória daqueles Cavaleiros da Ordem Teutónica que, vindos do Mar do Norte e do Báltico, acabaram por dar a sua ajuda para construir o Mundo Português que é por si só a preparação para o Quinto Império que é de natureza espiritual, um dos mais importantes passos na evolução da Humanidade.

